

# EDUCAÇÃO E IDEOLOGIA

Carlos Roberto Jamil Cury

Professor da Universidade Federal de Minas Gerais.

A continuidade de confrontos de pontos de vista em torno da inovação educacional permite que diferentes pontos de vista sejam contrapostos e redefinidos em função do grau de abrangência com que conseguem captar as dimensões do fenômeno educativo.

O artigo de M. Amélia Goldberg<sup>1</sup>, parece-me, não clarifica os suportes econômico-sociais da ideologia (ou ideologias?). Oscila entre as diferentes propostas, como se essas fossem entidades autônomas. Por outro lado, porém, parece-me ser um convite, na área da educação, para a superação do "ou/ou" próprio de uma visão formalista. O "e" afirma um espaço para a ação pedagógica que não renega as contribuições advindas do avanço científico.

Creio que a citada oscilação poderia ser aprofundada, para captarmos nela sua base essencialmente contraditória, existente na educação. E, nesse caso, vejo como muito positiva, tanto a intenção de negar a impotência da educação para a inovação, quanto a de afirmar a sua só (e apenas) no futuro, numa sociedade liberta das contradições atuais.

O artigo de M. Lourdes Manzini Covre<sup>2</sup>, ao situar os suportes econômico-sociais da educação, levanta com precisão os limites do artigo anterior, cujas coordenadas pretende recolocar. No entanto, embora por vias diferentes, ambos os artigos convergem num ponto: há um espaço, dentro do educacional, aberto à ação inovadora no contexto dos conflitos sociais. Covre acenou para as tarefas de um novo perfil de "intelectual", comprometido com os interesses das classes subalternas. Contudo, não levantou os suportes econômico-sociais para a emergência de "intelectuais" que transcendam seu próprio voluntarismo.

Concordando com ambas as articulistas, entendo que há um espaço para a educação aberto à ação inovadora. Contudo, é um espaço contraditório, nascido no solo dos avanços da sociedade de classes. Pela mediação das ideologias, esse espaço pode potencializar-se visando tanto à participação social e política, quanto ao seu contrário, ou seja, à manipulação das classes sociais. O que não se pode perder de vista é que tanto participação como manipulação situam-se no interior das lutas sociais a cujo universo a educação pertence.

Ao me propor a escrever sobre *Ideologia e Educação*, quero privilegiar um método que evidencia essa relação contraditória entre participação e manipulação, no

cerne dos fenômenos sociais próprios do capitalismo. Daí a necessidade de introduzir um terceiro elemento: o Trabalho.

De antemão, quero ressaltar algumas dificuldades nessa empreitada, que reconheço difícil:

- 1) a questão dos graus da educação: os contornos educacionais e ideológicos não têm perfis iguais na educação de 1º grau, de 2º grau e no ensino superior. Há semelhanças, mas sem dúvida há muitas diferenças;
- 2) a questão da formalização educacional: a educação se formaliza não só através da escolaridade convencional, mas através de instituições outras, que têm de ser levadas em conta, se se quer perceber a educação nos seus aspectos ideológicos;
- 3) a questão das formas diferenciadas do avanço do capitalismo: não se pode subtrair essa questão, pois o Capital, afim de conseguir seu objetivo maior — a acumulação — assume diferentes formas e, como tal, engendra relações diferenciadas com a educação. O que quero dizer é que o capitalismo não é uma entidade petrificada; nem tampouco a educação. Ambos são históricos e como tal, se diversificam segundo peculiaridades específicas;
- 4) a questão da ideologia: a expressão ideologia tem se prestado a tantos significados, que sua delimitação conceitual torna-se problemática.

Gostaria, neste artigo, de direcionar minha análise mais para o ensino de 1º grau, no contexto urbano, onde já se processa mais explicitamente a reprodução das relações capitalistas. Quanto à questão da ideologia, espero explicitá-la ao longo do texto.

---

## UMA VIA FECUNDA

---

No interior da totalidade social, própria ao modo de produção capitalista, dão-se relações sociais que são fruto dos conflitos das duas classes funda-

---

<sup>1</sup> Inovação educacional: grandezas e misérias da ideologia, *Cadernos de Pesquisa*(32): 60-64, fev. 1980.

<sup>2</sup> Inovação educacional e ideologia: uma recolocação, *Cadernos de Pesquisa*(33): 77-80, maio 1980.

mentais, que os trazem em si numa relação de inclusão e oposição. No contexto destas relações, surgem e nascem formas de pensar a realidade. A classe que detém o poder e o controle da produção tentará persuadir a outra de que sua forma de *apresentar* a realidade é a realidade. É dessa prática social que surge a necessidade de explicar teoricamente a realidade através de uma concepção de mundo e, então, disseminá-la pelo conjunto da sociedade.

Entretanto, dado o caráter dilacerado da sociedade capitalista, fundado em práticas antagônicas, não se pode dizer que exista apenas uma concepção de mundo ou uma ideologia. O que existem são filosofias e ideologias que traduzem os interesses e os valores conflitantes das classes em luta. Ideologias se interpenetram e uma das classes — a dominante — tenta levar sua concepção para as outras, como forma de persuasão e convencimento de que seu discurso “sobre” o real é o discurso “do” real. Há, também, que se ter em conta o caráter histórico, situado e datado, que essas lutas assumem entre diferentes e divergentes maneiras de direcionar as relações sociais. A concepção de mundo que consegue se difundir e guiar a prática das classes sociais torna-se hegemônica. No quadro da dominação do Capital sobre o Trabalho é que “a ideologia dominante é a ideologia da classe dominante”. Sendo a burguesia a classe dominante, não só ela domina, mas também tenta se tornar hegemônica<sup>3</sup>, tendo na educação escolar um elemento mediador de extrema relevância.

Mas não se pode esquecer que, sendo as classes subalternas agentes históricos que ocupam um lugar específico na produção da sociedade, elas também possuem uma “ideologia, ainda que dominada: a ideologia da classe dominada”. Esse caráter histórico oferece continuamente um movimento de rejeição-resistência-reelaboração da ideologia dominante. O que vale dizer que entre as ideologias não há um fosso, nem uma dualidade, mas suas naturezas antagônicas continuamente se aderem, se excluem e se incluem. Cumpre a cada momento histórico atentar para a especificidade dessa relação.

Essa via é fértil e já tem sido bastante explorada<sup>4</sup>. Os educadores têm sido sensibilizados por essas colocações e começam a refletir sobre a dissimulação do real presente nos currículos e sobre a inculcação ideológica presente nas práticas escolares. Prefiro, contudo, partir das mudanças verificadas no processo de produção da ordem econômica e social do capitalismo, hoje, a fim de buscar parâmetros de entendimento da relação trabalho-educação e ideologia.

---

## UMA OUTRA VIA A SEGUIR

---

**A** produção das relações próprias ao capitalismo é a condição para que se criem mecanismos a serviço da reprodução dessas relações. Entre outros, a educação escolar surge como instrumento importante no conjunto da reprodução dessas relações. Baseada nos conflitos entre Capital e Trabalho, a implantação do capitalismo exige da força de trabalho uma *tríplice*

*formação*, a fim de processar e manter a acumulação. Trata-se de uma formação para o mundo do trabalho, de uma formação adequada à divisão hierarquizada do trabalho e de um trabalho de formação das consciências.

No que a ela concerne, a educação cumpre função econômica, *forneendo pré-requisitos* para o mundo do trabalho e da produção. Pela adaptação à hierarquia do trabalho ela exerce *uma função socializadora* e, pela persuasão, *uma função ideológica*. Observe-se que as três funções são incluídas e cada uma delas, ao mesmo tempo, contém e sintetiza as outras. Contudo, diria que a função socializadora e a ideológica são mediações para a função econômica, dado o caráter totalizante que a empresa capitalista vai imprimindo às relações sociais. Sendo essas relações contraditórias, as funções acima citadas sê-lo-ão também. Dessa maneira, os apelos e as exigências feitos à educação, em vista da ordenação básica do capitalismo, têm na ideologia um caráter mediador e viabilizador para o ocultamento das contradições básicas. Contudo, a “integração” entre essas três funções não se dá por coesão, mas antes por contradição.

Tentemos explicitar esses aspectos.

A modernização capitalista, no contexto da divisão social do trabalho, requer a continuidade do processo de acumulação. Mas o sucesso desta empreitada exige ir além da exploração econômica e da dominação política. O sucesso almejado pede por uma manipulação persuasiva, no afã de tornar o trabalhador submisso à ideologia do capital, em termos de práticas e valores. Essas práticas e valores pretendem, de um lado, preparar a mão de obra para o aumento da produtividade e, de outro, atenuar as contradições nascidas da exploração e da dominação.

Ora,

“... a empresa como centro do economicismo, da ideologia do trabalho e do trabalhador, como centro e modelo da estratégia, (torna-se) ponto de partida dos projetos que propõem estender a toda a sociedade as modalidades interiores à empresa.”<sup>5</sup>

Nesse sentido, a natureza da empresa capitalista, ao exigir maior produtividade pela modernização das estruturas, pede à escola uma formação básica para o mundo do trabalho. E à medida que a empresa se redefine e alarga seu âmbito no espaço social, a expansão escolar não só não é recusada, como exigida. A ampliação da escola tem a ver com a necessidade de fazer do saber uma força produtiva, sem no entanto colocar em risco a organização social do trabalho.

---

<sup>3</sup> A noção de “hegemonia” está sendo usada a partir das proposições de A. Gramsci e foi assim por nós definida: “A hegemonia é a capacidade de direção cultural e ideológica que é apropriada por uma classe exercida sobre o conjunto da sociedade civil, articulando de tal forma seus interesses particulares com os das demais classes, de modo que eles venham a se constituir em interesse geral”. CURY, 1979, p. 53.

<sup>4</sup> Além dos já conhecidos autores franceses, como Baudelot & Establet, 1977; Bordieu & Passeron, 1975; Snyders, 1977; Althusser, 1974; teríamos que citar os textos de Cunha, 1975 e Warde, 1978.

<sup>5</sup> Lefevre, 1976, p. 112.

Essa natureza da empresa é o ponto de partida para se ver a relação trabalho-educação-ideologia. O que se pede hoje à educação não é só a formação de "ideólogos" que vão ocupar funções burocráticas no Aparelho de Estado e funções de controle no mundo da produção. Com o avanço diferenciado do modo de produção isso não deixa de ser pedido, especialmente da escola de nível superior. Mas à escola primária está sendo pedida uma preparação (remota) para a formação de executores e de feitores no processo de produção. Essa execução, que tendencialmente vai deixando de ser manual, exige uma superação do "gorila domesticado"<sup>6</sup> por um trabalhador portador de pré-requisitos necessários às funções de vigilância, regulação, manutenção e mesmo reparação de uma maquinaria cara.

Assim, no sentido econômico, a divisão social do trabalho pede da escola a formação de mão de obra para o mundo da produção com as técnicas da ordenação do ler, escrever, somar, do desenvolvimento do raciocínio etc. É óbvio que esta ordenação está eivada de uma visão de mundo que se expressa nas práticas escolares e no ritual pedagógico.

No sentido social, esse processo hierarquizado da empresa pede à escola que antecipe pelo ritual pedagógico das práticas escolares um "habitus" importante para a natureza da empresa. Através dele, a educação exerce uma função socializadora intencionada à produção. É por aí que se entendem os mecanismos de controle, de disciplina, de ordem, de hierarquia existentes na escola. Essa função socializadora implica um treinamento antecipador da relação que vai ser mantida na empresa. Pela mediação desse treinamento, a empresa busca trabalhadores habilitados (embora diferencialmente segundo a própria hierarquização do trabalho) e com uma visão de mundo adequada à natureza da empresa. É claro que os conteúdos transmitidos têm a ver com essa organização escolar que vai se adequando à organização de tipo empresarial.

O papel ideológico trabalha no sentido de "moldagem" das consciências. Por aí se busca uma persuasão e uma dissimulação. Pela persuasão tenta-se mostrar como universal um conjunto de valores e idéias que, no fundo, é particularista. E pela incorporação de tais padrões axiológicos pretende-se a condução da prática social dos trabalhadores, especialmente no seu cotidiano. Pela dissimulação, busca-se atenuar, através dos mecanismos da inculcação, os efeitos de uma situação que de si mesmo é contraditória. Ou seja, busca-se atenuar, dissimular pela condução das consciências, a oposição entre o saber dos dominantes e o fazer dos dominados. Como esse conflito é no mínimo latente, as relações de direção das consciências ocupam um lugar importante, buscando colocar a coesão acima das contradições. Esse sentido ideológico, intencionando garantir a continuidade da acumulação, torna-se real através de conteúdos curriculares, técnicas, livros, e tem no código lingüístico um importante arsenal de ordenação do real.

A educação se revela no cruzamento dessas funções como uma "síntese de múltiplas determinações" que contém em si a totalidade social. Entretanto, a relação trabalho-educação-ideologia não fica totalmente evi-

denciada caso se perca o caráter contraditório que permeia todo esse processo.

As necessidades do avanço do capitalismo apontam para a necessidade da educação como formadora de mão de obra, como treinadora e antecipadora dos hábitos da divisão social do trabalho, como veiculadora de um saber dissimulador. Mas, esse mesmo processo, contraditoriamente, tende à coletivização do saber, à posse pelo dominado de instrumentos monopolizados pelo dominador e à reelaboração e confrontação do saber ideologizado com a prática dos dominados.

Talvez isso explique a redução dos limites quantitativos e qualitativos da formação escolar. Afinal, a escola alarga o conhecimento, "civiliza" e abre perspectivas, uma vez que os limites entre um saber ideologizado e um saber crítico são muito tênues, no contexto contraditório das relações sociais.

Isso quer dizer que a educação, mesmo qualificada como "aparelho ideológico à serviço da dominação", tem uma função "civilizadora" importante, pois o saber começa a se alargar junto aos produtores, de tal modo que progressivamente vai reunificando "trabalho manual" e "trabalho intelectual". Isto se torna especialmente importante no Brasil, quando boa parte da população escolar de 1º grau sonha em ser um trabalhador qualificado e a maior parte dos que conseguem concluir o 2º grau ocupará predominantemente funções, não no processo de acumulação, mas no de produção. Em vez de mobilidade social ascendente às camadas dirigentes, a maior parte dos escolarizados tem na educação a condição para fugir ao trabalho desqualificado e assumir funções produtivas em setores químicos, gráficos, metalúrgicos, etc. Mesmo os formados no ensino superior dificilmente serão donos dos meios de produção. Ao contrário, sua proletarianização vem avançando cada vez mais.

Assim, a natureza da empresa ao exigir, em sua racionalidade, funções de produção e de controle, instaura uma contradição. De um lado, pede à escola que forme os assalariados e, com isto, "civiliza" e aumenta a qualificação daqueles pela maior extensão do saber; de outro, exige dela a formação do cidadão dócil e obediente aos ditames básicos da lógica do sistema. É nesta formação para a "docilidade" que o arsenal ideológico é mais utilizado.

Parece-me que essa é uma pista para que se entendam restrições à expansão quantitativa da escola e sua mutilação qualitativa. A eliminação progressiva do trabalho não qualificado necessita imperativamente de uma qualificação intelectual. Daí ainda ser muito oportuno o comentário de Marx a propósito da recomendação de A. Smith:

*"Para evitar a degeneração completa do povo em geral, oriunda da divisão do trabalho, recomenda A. Smith o ensino popular, pelo Estado em doses prudentemente homeoáticas."*<sup>7</sup>

<sup>6</sup> A expressão é usada por Gramsci, 1976, p. 397.

<sup>7</sup> Marx, v. 1, p. 415.

Afinal, reconhece-se que a educação é contraditória, pois se ela fosse um aparelho ideológico exclusivamente sob o controle dos grupos dominantes, é de se espantar a "lentidão", apesar da proclamação constante da necessidade de se erradicar o analfabetismo, em se multiplicar um súdito tão fiel. . . Na verdade, o contato e aquisição do saber é um princípio de acesso a um questionamento mais largo das relações que sustentam a organização social da produção, ao mesmo tempo que o avanço dessa organização engendra a necessidade do saber, adequado à modernização das forças produtivas. Creio que Petit resumiu isso muito bem neste longo mas importante trecho:

*"Encarregada de melhorar a força de trabalho, ela (escola) contribui para o aumento do Capital. . . Mas o modo pelo qual a escola realiza essa melhoria se oporá à perpetuação do modo de produção capitalista. Com efeito, ela deverá aumentar a competência técnica e teórica do trabalhador, mas nisso ela se opõe à divisão instaurada pelo modo de produção entre saber e fazer, o saber fazendo parte do Capital a título de força produtiva. De outro lado, ela se opõe à estrutura capitalista de relações sociais, a saber, à divisão, entre classe possuidora e classe proletária, fundada sobre a propriedade privada dos meios de produção, ao tornar possível a apropriação coletiva do saber, pois este enquanto força produtiva deveria ser propriedade exclusiva da classe possuidora. A escola reflete, pois, em si mesma, as contradições imanentes do sistema capitalista: encarregada de contribuir para sua manutenção, ela contribui ao mesmo tempo para a sua perda."*<sup>8</sup>

Daí que o saber transmitido pela escola enquanto orientado pelo grupo dirigente é duplamente contraditório. Primeiro porque, em relação à classe trabalhadora, conflita com suas reais condições de vida. Segundo porque, de certo modo, faz com que o dominado comece a reapropriar-se dos instrumentos que o próprio dominador detém, o que não deixa de ser importante para as lutas sociais, ao menos para que o dominado possa "argumentar" a nível do seu opositor.

O professor, como agente pedagógico e mediador da transmissão do saber, também se torna mercadoria. Sua mercadorização crescente como força de trabalho faz dele um assalariado com funções de intelectual. Nesse sentido, ele se proletariza e pode engrossar objetivamente as fileiras da classe trabalhadora. E, como tal, nada impede que ele se ponha a serviço do exercício da dominação. Entretanto, suas condições de vida insinuam a possibilidade de alargar os caminhos do conhecimento em função do grupo ao qual passa a pertencer e estabelecer uma crítica da opressão que sustenta a dissimulação desse mesmo conhecimento.

Dessa maneira, o saber como instrumento de educação das consciências transcende sua função produtiva. A formação do cidadão dócil exige a necessidade da dissimulação do saber, mas a situação de classe do professor, advinda das relações sociais, permite-lhe abrir espaços para que as contradições advindas da totalidade social tenham maior amplitude no interior da escola. Essa frente pedagógica é, pois, um espaço aberto às lutas hegemônicas, e que não nega os avanços que o progresso do saber enseja, mas não os coloca numa situação de neutralidade frente às lutas sociais.

Ao contrário do que possa parecer, a inovação educacional faz parte das grandezas e misérias das relações que as engendram. Pois a miséria da inovação está na sua restrição quantitativa e qualitativa e sua grandeza no potencial que encerra em vista da produção de relações sociais novas.

---

<sup>8</sup> Petit, 1973.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. Lisboa, Presença, 1974.
- BAUDELLOT, Christian & ESTABLET, Roger. *La escuela capitalista*. México, Siglo Veintiuno, 1977.
- BORDIEU, Pierre & PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975.
- CUNHA, L. Antonio. *Educação e desenvolvimento social no Brasil*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975.
- CURY, Carlos Roberto J. *Educação e contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo*. São Paulo, PUCSP, 1979.

- GRAMSCI, A. *Maquiável, a política e o Estado moderno*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976.
- LEFEVRE, Henri. *A reprodução das relações sociais de produção*. Porto, Publicações Escorpão, 1976.
- MARX, Karl. *O Capital*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, s.d. v. 1.
- PETIT, Vicente. Les contradictions de la reproduction. *La Pensée* (168):11, abr. 1973.
- SNYDRES, George. *Escola, classe e luta de classes*. Lisboa, Moraes, 1977.
- WARDE, Miriam J. *Educação e estrutura social*. São Paulo, Cortez e Moraes, 1978.